
Notas Bibliográficas

BOFF, Leonardo: *Brasa sob cinzas*. Estórias do anti-cotidiano. Rio de Janeiro: Record, 1996. 125 pp., 21 x 13,8 cm. ISBN 85-01-04713-9

Este livro enquadra-se num gênero literário misto. Reminiscências de experiências simples da vida e teologia. É um teólogo que escreve. Nos mínimos detalhes da vida, emerge a reflexão de quem o pão e a beleza se misturam com o ruminar teológico. O texto é literariamente um primor. A fantasia literária vai construindo imagens, traduzindo sentimentos, vivenciando experiências com delicada beleza.

Ora são cenas de encontro com a dor, como a morte do filho da Márcia e a de Verônica, a jovem organista do convento. Ora o A. depara-se com o sofrimento terrível da pobreza dos freqüentadores do lixão. Então, a sensibilidade de teólogo da libertação, que nunca L. Boff perdeu, tece páginas tão lindas, expressivas, agarradas ao real, sem carregá-las com análises pesadas da realidade. Ora são momentos de encontro com a árvore, onde a consciência ecológica do A. aflora uma percepção fina e aguda da nova onda de pensar. Ora são recordações de viagens como a Roma, a Assis, descritas com a transparência franciscana. Ora são parábolas como a do homem-que-podia-tudo, a do mandacaru, a do trem da vida, de fina teologia sobre a existência.

Teologicamente há páginas de ousadia, tentando traduzir um pensar mais próximo à sensibilidade e reflexão das pessoas de hoje. Uma longa reflexão sobre o inferno desde o grito dos condenados à misericórdia de Deus traduz, em termos novos e atualizados, o sonho antigo desde Orígenes de uma salvação absolutamente universal, não só no sentido de oferta, como de concretização. Vários teólogos recentes de alto alcance, como K. Rahner, von Balthasar, Torres Queiruga inclinam-se para essa posição. Nenhum conseguiu formulá-la com tanta beleza e sensibilidade como L. Boff.

O pensamento dominante, que atravessa o livro nos momentos altos, é de maravilhosa esperança na vitória da vida. A fé e esperança na ressurreição é a chave central do livro. Ele faz muito bem precisamente por trazer para dentro de momento tão desesperançado esta brisa fresca da certeza da ressurreição como última palavra sobre nossa história. "Morremos para viver mais e melhor" resume o clima de fé que impregna os relatos.

O livro tem a leveza da liberdade, da ternura, da sensibilidade humana do A. Irradia vida e esperança. Revela um pouco do arcano interior de um teólogo que, facilmente açulado pelo cotidiano, se lança em longas e profundas reflexões. A sedução do mistério impregna-lhe as páginas. O leitor se contamina da suavidade do espírito e do ânimo de viver que desprendem até mesmo das páginas doridas do livro. Vale a pena deixar-se embevecido por esta leitura.

JBL

MAGALHÃES GOMES, Núbia Pereira de — PEREIRA, Edmilson de Almeida: *Do presépio à balança*. Representações sociais da vida religiosa. Belo Horizonte: Mazza, 1995. 451 pp., 21 x 14 cm. Coleção: Minas e mineiros; 5. ISBN 85-7160-030-9

Este volume reúne dois estudos antropológicos sobre a religiosidade popular mineira. O primeiro, da autoria de Núbia Pereira de Magalhães Gomes, falecida em acidente rodoviário, antes da publicação da obra, corresponde à primeira parte do título ("presépio") e estuda a Folia de Reis. O segundo, de Edmilson de Almeida Pereira, aborda a concepção de morte na religiosidade popular mineira ("balança"). Ambos os trabalhos foram agraciados em 1993 com o Prêmio Sílvio Romero, do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC): o primeiro recebeu menção honrosa; o segundo obteve o prêmio de segundo lugar.

O presente volume pertence à coleção "Minas e mineiros" que procura valorizar os valores ancestrais conservados pelos habitantes de Minas Gerais, mostrando que o conflito entre o antigo e o novo constitui o cenário das relações mais importantes entre as pessoas e os grupos sociais a que pertencem. Dentro dessa intenção, os trabalhos deste volume abordam o nascimento e a morte, simbolizados pelo presépio, onde nasceu Jesus, e pela balança usada por São Miguel Arcanjo na pesagem das almas. Como o subtítulo sugere, os estudos tratam de mostrar que o imaginário religioso está intimamente ligado à estrutura social que o gerou.

Acompanhando o primeiro trabalho, encontram-se fotografias da celebração da Folia de Reis na comunidade de Santo Antônio do Baú (Jequitibá, MG) ou de pessoas ligadas à organização da Folia. O segundo trabalho traz, além de fotografias de "cantadeiras de excelências" e de locais onde o A. pesquisou o culto das almas, sugestivas gravuras com representações da morte, de acordo com o imaginário vigente nas comunidades pesquisadas, imaginário que lança suas raízes na religião popular medieval herdada por meio da colonização portuguesa. Além disso, os AA. oferecem ao leitor o texto íntegro das canções usadas na Folia e na oração pelos mortos, bem como suas partituras musicais.

Embora não seja de teologia, o livro merece ser apresentado numa revista teológica, porque oferece um interessante material para a reflexão teológico-pastoral. Seria um trabalho bem sugestivo analisar a teologia popular expressa nos diversos cantos e nos costumes narrados na obra. Especialmente a concepção escatológica mereceria estudo. O A. do segundo trabalho foi muito feliz ao comparar a concepção popular de "morte domada", expressa nos cantos tradicionais, com a visão de Dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, sobre a morte de sua mãe e sua própria morte. Também neste ponto o livro tem interesse para a teologia, pois permite ao historiador da Igreja acesso fácil a esses documentos e sua confrontação com tradições orais.

F. T.

EBER, Jochen: *Glossário alemão - português de palavras eclesiástico-teológicas*. Tübingen: Christliche Buchhandlung, 1995. 110 pp., 21 x 14,5 cm.

Com este glossário o A. quer ajudar o leitor de língua portuguesa no uso da bibliografia teológica ou eclesiástica de língua alemã. Reúne nove mil verbetes com palavras alemãs ou de outra procedência (1.110 são termos latinos, gregos, hebraicos ou de outra origem). O A. selecionou essas palavras, buscando-as no vocabulário filosófico, teológico, na linguagem eclesiástica, nos termos do contexto universitário alemão, no vocabulário protestante e ortodoxo, no âmbito das ciências da religião, exegese, teologia sistemática, história da Igreja (especialmente luterana e alemã), teologia prática, liturgia, arquitetura e arte cristã, ecumenismo e teologia contextualizada. Algumas palavras menos usuais são não só traduzidas, mas também explicadas muito brevemente numa frase, para uma primeira compreensão (um "pronto socorro teológico", diz o A.).

Escolhendo a esmo algumas palavras, o recenseador gostaria de fazer observações críticas, seja sobre a tradução, seja sobre a concepção teológica subjacente. O número entre parênteses depois das palavras remete à respectiva página.

Sobre a tradução: "Abtreiben" (5) deveria ser traduzido por "abortar" e não por "fazer abortar". — "Hexenverbrennung" (46) não deveria ser traduzido por "incineração das bruxas", mas por "condenação de bruxas à fogueira". A palavra "incineração" em português tem um sentido específico que não pode ser usado no caso, mesmo que com isso se tenha que empregar uma expressão complexa para traduzir a palavra alemã mais sintética. — "Kukulle" (60) não deveria ser traduzido por "hábito dos frades durante o ofício", mas por "hábito dos monges durante o ofício". Entre "frade" e "monge" há uma diferença. Ela inclusive invalida a tradução sob a letra b)

"capuz dos frades" (na Igreja Oriental), até porque nesta Igreja só há monges, não frades (se estes existem, são "importados"). De resto, temos em português o termo "cuculo". — "Amarna-Tafeln" está mal traduzido por "tabletes de Amarna"; trata-se das "tabuinhas de Amarna" ("tabuinhas", embora sejam de barro cozido). A palavra alemã "Tafel" se traduz por "tablete" quando se refere a chocolate. — "Wortgeschehen" (108) seria melhor traduzido por "evento-Palavra" ou, melhor ainda, "evento da Palavra"; não "Palavra-evento". Nas palavras alemãs compostas sempre é preciso inverter a ordem ao traduzir para o português, pois o alemão põe primeiro a palavra-chave que em português vai no fim. — "Wochenfest" (108) deveria ser "feira das semanas" (no plural e não no singular, como traz o texto). — "Sprengel" (93) é um termo genérico para "circunscrição eclesiástica", valendo de freguesia, paróquia ou diocese. Indicar esses três termos, em vez do genérico, não é correto.

Sobre a concepção teológica: "Myron" (69) é explicado como "crisma mais distinta". O recenseador não entende o que essa expressão possa significar. O correto seria usar o termo grego aportuguesado: *míron*, e explicá-lo. *Míron* é o nome que nas Igrejas Orientais se dá à mistura de óleo e matérias aromáticas com que é administrado o sacramento pós-batismal. Há semelhança com o crisma, usado na Igreja Latina, que também é uma mescla de óleo com perfume (o bálsamo). — "Marienverehrung" significa "veneração de Maria" ou "veneração de Nossa Senhora", traduzi-lo por "mariolatria" é expressão de um preconceito pouco ecumênico. — Dizer que "Marienbild" (65) significa "imagem de Nossa Senhora *Aparecida*" é um erro palmar. O correto seria dizer "imagem de Nossa Senhora" ou, como o glossário põe em segundo lugar, "imagem da Virgem". Se se trata da *Aparecida* ou outra invocação mariana, não está contido no termo "Marienbild". Em se tratando de um termo alemão, dificilmente significará "imagem de Nossa Senhora *Aparecida*"...

Errata: "Unitaten" (102) leia-se "Uniaten". "Abkündigung" (5) leia-se "Ankündigung" (está, pois, fora da ordem alfabética). "Bonaventura" (24) leia-se "Boaventura".

Essas observações não pretendem ser exaustivas. Mas dão conta do difícil que é traduzir.

- F.T.